Volume 13 Issue 22
Originally issued as G8

Global Journal of human social science
Linguistics & Education
Volume 13 Issue 8 Version1.0 Year 2013
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals Inc. (USA)
Online ISSN: 2249-460X&Print ISSN: 0975-587X

Percepções E Representações Do Autor Estrangeiro Sobre O Homem Amazônico

By Klondy Lucia De Oliveira Agra
UNIRON - Faculdade Interamericana de Porto Velho, Brazil

Resumo - Neste artigo, analiso, com o auxílio dos conceitos balizadores da ciência geográfica, duas obras de autores norte americanos: Amazon Town de Charles Wagley e o diário de viagem de George E. Hafstad. Trabalhos que expõem a Amazônia brasileira e o modo de vida do seu povo, descrevendo em detalhes ações, hábitos, pensamentos e crenças, a maneira de atuar do homem amazônico, descrições que formam um cenário de composições e de orientações da Amazônia para o mundo. O objetivo principal deste artigo é a verificação das percepções e representações dos pesquisadores estrangeiros ao traduzir contextos e cenários amazônicos à sua comunidade, com o auxílio das noções de espaço, lugar, paisagem e território. O interesse à análise desses materiais se deve a singular descrição de detalhes amazônicos que demonstram a preocupação de técnicos estrangeiros envolvidos com a pesquisa na Amazônia brasileira, entre os anos de 1940 a 1950, com a leitura de contextos e cenários e a minuciosa tradução dessa realidade à sua comunidade e, ainda, pela possibilidade da observação e desmistificação de compreensões errôneas feitas por esses pesquisadores e o resgate de valores culturais e históricos dessa região.

Palavras Chave : *geografia. amazônia. percepções e representações.*

GJHSS-G Classification : *FOR Code: 380201, 269901*



Strictly as per the compliance and regulations of:

© 2013. Klondy Lucia De Oliveira Agra. This is a research/review paper, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-Noncommercial 3.0 Unported License http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/), permitting all non-commercial use, distribution, and reproduction inany medium, provided the original work is properly cited.

Global Journal of human social science
Linguistics & Education
Volume 13 Issue 8 Version1.0 Year 2013
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals Inc. (USA)
Online ISSN: 2249-460X&Print ISSN: 0975-587X

Perceptions and Representations about the Author's Foreign Man Amazon

By Klondy Lucia De Oliveira Agra
UNIRON - Faculdade Interamericana de Porto Velho, Brazil

Abstract - In this article, I analyze, with aid of the concepts guide for the geographical science, two works by Americans over the Brazilian Amazon. Amazon Town of Charles Wagley, and the travel journal of American George E. Hafstad. Works which exposes the Brazilian Amazon and way of life of its people, describing in detail actions, habits, thoughts and beliefs, way of acting man Amazonian descriptions that form a backdrop of compositions and orientations of Amazon to the world. The main objective of this paper is to check the perceptions and representations of foreign researchers to translate Amazon contexts and scenarios to your community, with the help of the notions of space, place, landscape and territory. Interest in the analysis of these materials is due to singular description of Amazonian details that demonstrate the concern of foreign technicians involved with research in the Brazilian Amazon, between the years 1940 to 1950, with reading contexts and scenarios and detailed translation of the analyzed reality to their community, and also by the possibility of observation and demystification of misunderstandings made by these researchers and the rescue of cultural and historical values of this region.

Keywords : *geography. amazon. perceptions and representations.*

GJHSS-G Classification : *FOR Code: 380201, 269901*



Strictly as per the compliance and regulations of:



© 2013. Klondy Lucia De Oliveira Agra. This is a research/review paper, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-Noncommercial 3.0 Unported License http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/), permitting all non-commercial use, distribution, and reproduction inany medium, provided the original work is properly cited.

Percepções E Representações Do Autor Estrangeiro Sobre O Homem Amazônico

Uma Análise Sob as Categorias da Geografia

Klondy Lucia De Oliveira Agra

Resumo - Neste artigo, analiso, com o auxílio dos conceitos balizadores da ciência geográfica, duas obras de autores norte americanos: *Amazon Town* de Charles Wagley e o *diário de viagem* de George E. Hafstad. Trabalhos que expõem a Amazônia brasileira e o modo de vida do seu povo, descrevendo em detalhes ações, hábitos, pensamentos e crenças, a maneira de atuar do homem amazônico, descrições que formam um cenário de composições e de orientações da Amazônia para o mundo. O objetivo principal deste artigo é a verificação das percepções e representações dos pesquisadores estrangeiros ao traduzir contextos e cenários amazônicos à sua comunidade, com o auxílio das noções de espaço, lugar, paisagem e território. O interesse à análise desses materiais se deve a singular descrição de detalhes amazônicos que demonstram a preocupação de técnicos estrangeiros envolvidos com a pesquisa na Amazônia brasileira, entre os anos de 1940 a 1950, com a leitura de contextos e cenários e a minuciosa tradução dessa realidade à sua comunidade e, ainda, pela possibilidade da observação e desmistificação de compreensões errôneas feitas por esses pesquisadores e o resgate de valores culturais e históricos dessa região.

Palavras Chave : geografia. amazônia. percepções e representações.

Abstract - In this article, I analyze, with aid of the concepts guide for the geographical science, two works by Americans over the Brazilian Amazon. Amazon Town of Charles Wagley, and the travel journal of American George E. Hafstad. Works which exposes the Brazilian Amazon and way of life of its people, describing in detail actions, habits, thoughts and beliefs, way of acting man Amazonian descriptions that form a backdrop of compositions and orientations of Amazon to the world. The main objective of this paper is to check the perceptions and representations of foreign researchers to translate Amazon contexts and scenarios to your community, with the help of the notions of space, place, landscape and territory. Interest in the analysis of these materials is due to singular description of Amazonian details that demonstrate the concern of foreign technicians involved with research in the Brazilian Amazon, between the years 1940 to 1950, with reading contexts and scenarios and detailed translation of the analyzed reality to their community, and also by the possibility of observation and demystification of misunderstandings made by these researchers and the rescue of cultural and historical values of this region.

Keywords : geography. amazon. perceptions and representations.

Author : Rua Cléa Mercês, 5204. Jardim das Mangueira I. Bairro Agenor de Carvalho. CEP. 76820-278 Porto Velho - Rondônia - Brasil. E-mail : klondy2@gmail.com

I. Introdução

Algumas obras, resultante de pesquisas sobre a região amazônica brasileira sugerem, muitas vezes, que autores estrangeiros leem contextos e cenários amazônicos e, por não terem sentidos culturalmente construídos nas comunidades pesquisadas, *vendem* ao mundo uma realidade baseada em pontos de vista contraditórios e *errôneos*, ou seja, baseados em suas próprias percepções e representações.

Neste artigo, analisa-se, com o auxílio dos conceitos balizadores da ciência geográfica, duas obras de autores norte americanos: *Amazon Town*[19] de Charles Wagley e o *diário de viagem* de George E. Hafstad[20]. Trabalhos que expõem a Amazônia brasileira e o modo de vida do seu povo, descrevendo em detalhes ações, hábitos, pensamentos e crenças, a maneira de atuar do homem amazônico, descrições que formam um cenário de composições e de orientações da Amazônia para o mundo. Essa análise tem como principal objetivo verificar as percepções e representações desses pesquisadores estrangeiros ao traduzir contextos e cenários amazônicos à sua comunidade.

Para a observação através dos estudos da percepção em Geografia caminha-se através da abordagem da Geografia Cultural e, buscar-se-á observar como esses autores elaboram o conjunto de explicações do mundo vivido das comunidades observadas, examinando suas representações ao descrever esse espaço.

O interesse à análise desses materiais se deve a singular descrição de detalhes amazônicos que demonstram a preocupação desses técnicos estrangeiros envolvidos com a pesquisa na Amazônia brasileira, entre os anos de 1940 a 1950, com a leitura de contextos e cenários e a minuciosa tradução dessa

[19] Segunda edição de *Amazon Town*, publicada em 1976, em língua inglesa, pela *Oxford University Press*. Por sua grande importância no cenário internacional, *Amazon Town* inspirou Elizabeth Bishop em seus poemas sobre o homem amazônico e tem inspirado vários outros escritores e poetas estrangeiros a escreverem sobre a região.

[20] Diário doado à Universidade Federal de Rondônia por sua filha, professora Ellen Hoffmann, da Universidade de York – Canadá, em 29 de janeiro de 2002.

© 2013 Global Journals Inc. (US)

realidade à sua comunidade e, ainda, pela possibilidade da observação e desmistificação de compreensões errôneas feitas por esses pesquisadores e ainda, a possibilidade do resgate de valores culturais e históricos dessa região.

Entende-se, neste estudo que os estudos de percepção se constituem na investigação e compreensão dos sentimentos e valores, por isso tem um papel primordial na compreensão das representações que conduzem a compreensão, a formação de juízos de valor e as atitudes que orientam os escritos desses autores.

II. Autores e Obras Analisadas

a) Charles Wagley

Tanto a vida quanto a obra de Wagley importa aos estudos amazônicos. Orientando de Franz Boas nos Estados Unidos, ele trouxe em sua bagagem a Antropologia Cultural. Teoria formulada por Boas e por ele utilizada ao vir ao Brasil participar do esforço aliado de guerra (trabalhou em 1942 no SESP[21]). A partir daí, Wagley transitou entre as comunidades de caboclos, ribeirinhos e indígenas amazônicos e registrou seus modos de vida e suas relações com o mundo exterior na companhia do seu discípulo brasileiro, o carioca Eduardo Galvão.

Charles Wagley é reconhecido no Brasil e no mundo por seu trabalho pioneiro. Recebeu títulos *honoris causa* da Universidade de *Notre Dame* e da Universidade da Bahia. Foi premiado com o *Kalman Silvert* da Associação de Estudos Latino Americanos. Graças a esse reconhecimento, o governo brasileiro premiou Wagley com a *Medalha de Guerra* e o Instituto Nacional de Pesquisa Amazônica do Brasil (INPA[22]) o premiou com a *Medalha à Ciência na Amazônia.*

Nascido em Clarksville, no Texas, no dia 09 de novembro de 1913, Wagley foi casado com a brasileira Cecília Roxo por cinquenta anos, companheira que esteve presente em todas suas pesquisas de campo, acompanhando-o e auxiliando-o.

Wagley transferiu-se da Universidade de Oklahoma para a Academia da Columbia em 1934. Aluno de Ruth Benedict, Franz Boas, Ruth Bunzel, e Ralph Linton, Wagley recebeu seu título doutoral em (1936) e Ph.D. (1941) sob orientação de Franz Boas, na Universidade da Columbia.

A pesquisa brasileira de Wagley começou em 1939–40 na floresta dos índios Tapirapé. Seu artigo publicado em 1940 *The Effects of Depopulation upon Social Organization, as Illustrated by Tapirapé Indians* é um artigo clássico da antropologia demográfica. Da revisita de Wagley aos Tapirapé culminou o seu último livro *Welcome of Tears: The Tapirapé Indians of Central Brazil* (1977).

Apesquisa de Wagley entre os índios Tenetehara em1941–42, com seu amigo e colaborador frequente EduardoGalvão, resultou também em livro: *The Tenetehara Indians of Brazil* , editado em 1949. Seu estudo sobre Itá, o objeto desta pesquisa, registra as memórias do dia a dia de trabalhadores rurais e seringueiros da Amazônia. Estudos que começaram em 1948 e produziram duasedições dessa obra que é a mais popular do autor: *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* (1953, 1976). Ainda sobre a Amazônia, Wagley editou em 1974, *Man in the Amazon.* Esses livros e vários artigos de seus diários, em inglês e em português, deram ao autor determinada reputação como pioneiro dos estudos amazônicos.

b) A obra de Wagley

A obra objeto desta pesquisa é a segunda edição de *Amazon Town*, publicada em 1976 na língua inglesa, pela *Oxford University Press*. Embora sua primeira edição publicada em 1953 também tenha sido traduzida para o português e publicada em 1956, optou-se pela segunda edição, em língua inglesa, nesta análise, por ter sido nela incluído capítulo mais recente, resultado da pesquisa de Darrel L. Miller, estudante de pós-graduação da Universidade da Flórida que, após reestudar Itá, a comunidade amazônica já pesquisada por seu professor Charles Wagley, analisou em conjunto com Wagley a primeira edição de *Amazon Town* e a obra do brasileiro Eduardo Galvão[23], *Santos e Visagens*, que apresenta estudos sobre religião nessa mesma comunidade. Desse estudo resultaram além de um novo capítulo à segunda edição, um novo prefácio e a retirada de um epílogo, que segundo o próprio autor, perdeu a validade.

Esse livro, escrito por Charles Wagley, foi baseado, principalmente, em dados coletados pelo autor em seus primeiros estudos sobre o homem na Amazônia brasileira. Dados coletados em 1948, quando a serviço da UNESCO, através da Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas, pesquisa a Amazônia para o Instituto Internacional da Hiléa Amazônica. Entretanto, a primeira visita do autor a Itá[24] aconteceu em 1942, durante viagem de estudos que antecedeu o planejamento do serviço de saúde pública do SESP no Vale Amazônico, visita que lhe despertou, pela primeira vez, a necessidade de um estudo a respeito do homem amazônico. Segundo audiência nacional e internacional,*Amazon Town* é uma obra que resiste à deterioração do tempo como testemunho de época e referências permanentes para a compreensão

[21] Serviço Especial de Saúde Pública - conhecida posteriormente como FUNASA - Fundação Nacional de Saúde.
[22] Instituto Nacional de Pesquisas Amazônica.
[23] O brasileiro Eduardo Galvão foi o primeiro aluno doutoral de Wagley.
[24] Nome fictício adotado por Wagley para a pequena comunidade pesquisada.

© 2013 Global Journals Inc. (US)

do passado, do presente e do futuro desta enorme fronteira brasileira.

c) George Edwin Hafstad

George Edwin Hafstad nasceu em 03 de maio de 1902, em Minneapolis no Condado de Hennepin, Minnesota, Estados Unidos. Defendeu sua tese doutoral com o trabalho *The Probable Relation of Delayed Segregation to Variation in Ustilago Zeae* (Berkm.) Ung, em 1933, na Divisão de Fitopatologia e Botânica.

Casou em 1940 com Margaret Joanna Riggs. Em 1944, publicou em coautoria com sua esposa o livro *Use Without Waste: Units on Conservation.*

Veio à Amazônia em janeiro de 1943, como técnico de campo na Companhia de Desenvolvimento da Borracha do Brasil (RDC), com a missão de pesquisar o oeste do território acreano, pelo grande destaque desse espaço como uma grande potência na produção de borracha.

A pesquisa de Hafstad incluiu a coleta de dados sobre as características físicas da região, incluindo a agricultura, transporte, plantas e doenças que vinham dizimando a população. Tais análises visavam à introdução de melhores métodos de exploração da borracha natural. A fim de coletar esses dados, Hafstad fez duas viagens ao Rio Juruá, uma com a duração de oito meses e a outra com doze meses.

d) O diário de Hafstad

No ano de 1913, a produção de borracha na Malásia superou pela primeira vez a brasileira. O Acre e toda a região amazônica foram duramente atingidos pelo sucesso da borracha asiática em detrimento à borracha brasileira. No entanto, durante a segunda guerra mundial, quando o Japão barrou o envio da borracha da Ásia para o ocidente, os Estados Unidos, num esforço conjunto, retomou a pesquisa da borracha na Amazônia brasileira. A borracha natural deste hemisfério tornou-se uma necessidade absoluta. Foi nesse cenário de necessidade de guerra que a equipe do doutor George E. Hafstad veio ao Brasil. Equipe, inicialmente, composta de três homens Charlie Maki, George Hafstad e Paulo Macedo[25].

A riqueza de detalhes descritos no material analisado para a produção desse artigo demonstra o interesse do pesquisador norte-americano em repassar à sua comunidade a sua visão da Amazônia, através da pronúncia de palavras, significados e sentidos construídos nessa cultura.

[25] Maki e Hafstad já haviam tido experiência com plantações de borracha e Paulo Duarte Macedo era diplomado em uma das escolas agrícolas do sul do Brasil.

III. As Percepções e Representações de Wagley e Hafstad Através da Geografia

A geografia oferece uma multiplicidade de abordagens que se justapõem, nas quais conhecimentos são constantemente superados, abrindo-se a cada momento novas leituras ou perspectivas sobre a compreensão da relação entre a sociedade e o meio ambiente. Neste estudo que pretende procurar por percepções (funções psicológicas que capacitam o individuo a converter os estímulos sensoriais em experiências, organizadas e coerentes) e representações (processos que permitem a evocação de objetos, paisagens e pessoas, independentemente da percepção atual deles) em obras de pesquisadores estrangeiros, na busca de conhecer a relação de cada um desses autores com o meio pesquisado, se escolheu a abordagem Cultural por propiciar a possibilidade de entrecruzamento de saberes.

Essa abordagem possui uma longa tradição na pesquisa geográfica em estudos sobre a dimensão cultural do espaço. Nesse sentido, a Amazônia apresenta-se como um rico laboratório a exploração de várias temáticas pela ciência geográfica, evidenciando o quanto essa pode contribuir para o desenvolvimento de estudos que abarcam a cultura e suas mais variadas formas de manifestação. A diversidade cultural da Amazônia é enorme, portanto os geógrafos que se interessam pela abordagem cultural, na observação desse espaço, têm diante de si um imenso terreno a pesquisar.

A literatura passou a ocupar um importante papel na pesquisa geográfica a partir dos anos 70, coincidindo com o período de renovação nos estudos geográficos tendo como objeto a dimensão cultural. Isso graças ao estruturalismo que permitiu que a literatura alcançasse um lugar privilegiado como domínio de reflexão, favorecendo o contato entre diversas disciplinas que se desenvolviam até então de forma mais ou menos independente, possibilitando assim numerosas trocas interdisciplinares (BROSSEAU,1996) e a multiplicação das reflexões sobre o discurso, sobre o texto e sobre diversos sistemas.

No entanto, para uma análise geográfica dos textos objeto deste estudo, os resultados de pesquisa de Wagley e Hafstad, surgem algumas dificuldades, assim como em análise feitas em qualquer outro trabalho literário, pois estes representam ao mesmo tempo, um espaço privilegiado de expressão da temática dos conflitos sociais e ideológicos de uma dada cultura, por reunir toda uma gama de contradições *inventadas* pelo narrador a partir dos

© 2013 Global Journals Inc. (US)

conflitos existentes no seu horizonte de experiências, vivencias e expectativas sociais (BASTOS, 1998, p. 57).

Essa mesma preocupação relacionada à representação do real, é observada em Short (1991), para quem os textos são produzidos com base na ideação e na imaginação individual de cada autor, cuja criatividade é condensada em preocupações sociais, com permissões a argumentos específicos e formas pessoais aos textos, os quais são interpretados de acordo com o alcance da criatividade dos seus leitores.

Com a compreensão de que podemos considerar que os objetos de investigação são construídos pelo tipo de questões a eles endereçadas, sendo estas questões que os conformam, os limitam, os criam, e não o inverso, como, por vezes, tendemos a imaginar (GOMES, 2002, p.292). Analisa-se as obras objeto deste estudo, com a consciência de que a formação e o interesse dos autores aqui observados, embora contemporâneos, eram diversos, pois suas perguntas tinham direções e instâncias distintas. Ademais, compreende-se também que os mesmos objetos podem dialogar com as mais diversas disciplinas, no entanto, para se abordar uma realidade, dependerá também do ponto de vista de quem a analisa.

Com essas compreensões e com o auxílio dos conceitos balizadores da ciência geográfica, verifica-se que embora o espaço geográfico pareça ser o mesmo em ambos os trabalhos, a Amazônia, há especificidades em cada um desses espaços. Isso porque a Amazônia não é composta de uma só cultura. Ao olharmos à Amazônia, encontraremos várias "Amazônias", "Povos amazônicos", "culturas amazônicas" que também vão se diferenciar por sua trajetória histórica, por suas inter-relações étnicas e pela definição de suas estratégias de sobrevivência (SILVA, 2007, p. 232).

Na obra de Charles Wagley, antropólogo com interesses voltados ao estudo do homem amazônico, este espaço é representado pela comunidade de Itá. Uma comunidade ribeirinha, localizada a leste de Manaus, capital do estado do Amazonas (distando desta cerca de 180 quilômetros) e que à época da pesquisa tinha nos rios amazônicos as únicas vias de penetração à região.

Na obra de Hafstad, o espaço é constituído pelos rios amazônicos, tendo como espaço principal o rio Juruá e todo o oeste acreano. Lugar onde esse pesquisador construiu sentidos na cultura amazônica.

Neste estudo, a geografia assume uma concepção de espaço que contempla simultaneamente a forma (material) e o conteúdo (social), isto é, examina o espaço como um texto, onde formas são portadoras de significados e sentidos (GOMES, 1997, p.38). Conforme Santos (1999, p. 18) define, aqui o espaço é compreendido como composto de forma e conteúdo, ou seja, formas que só existem em relação aos usos e significados que têm nelas sua mesma condição de existência.

Quanto ao lugar, na análise dessas obras, compreende-se, principalmente como um produto da experiência humana, ou seja, algo mais que o sentido geográfico. Não se referindo a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979). Ou ainda, o lugar como um centro de significados construído pela experiência (TUAN, 1975).

Procurou-se, portanto, na escrita desses autores pela realidade de referenciais afetivos que cada um deles desenvolveu ao longo de suas pesquisas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Referenciais carregados de sensações que trouxeram a segurança e a proteção (MELLO,1990). A sensação de lugar que tanto transmite boas lembranças quanto a sensação de lar (TUAN, 1975; BUTTIMER, 1985a).

Conforme Buttimer (1985b, p. 228), "lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas". Essa simpatia, entretanto, que cada um desses autores pode ou não ter desenvolvido com o lugar se deve unicamente aos seus próprios interesses sobre esses determinados lugares, ou seja, essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes se voltarem para ele munidos de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade.

Os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas (RELPH, 1979). Para Tuan (1975), o lugar "é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos". Tuan (1975) afirma ainda que há uma estreita relação entre experiência e tempo, na medida em que o senso de lugar raramente é adquirido pelo simples ato de passarmos por ele. Para tanto seria necessário um longo tempo de contato com o mesmo, onde então houvesse um profundo envolvimento. No entanto, seria possível a um indivíduo apaixonar-se a primeira vista por um lugar tal qual por uma pessoa (TUAN, 1983). Em contraste, uma pessoa pode ter vivido durante toda a sua vida em determinado local e a sua relação com ele ser completamente irreal, sem nenhum enraizamento.

Desse modo, ao verificar nos escritos de Wagley e de Hafstad suas percepções e representações sobre a Amazônia, levou-se em conta também a paisagem observada nesse espaço. Para isso, toma-se a paisagem como mediação entre o mundo das coisas e aquele da subjetividade humana, a noção surge ligada, portanto, à percepção do espaço por cada um desses autores. Acompanhando o

© 2013 Global Journals Inc. (US)

pensamento de Cosgrove (1998, p.98) "A paisagem, de fato, é uma *maneira de ver*, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma *cena*, em uma unidade visual".

Ademais, ao observar a individualidade de cada autor ao descrever a Amazônia em seus textos, observa-se também, a apropriação concreta ou abstrata desse espaço por cada um deles, ou seja, como cada autor elabora a territorialização desse espaço (RAFFESTIN, 1993).

IV. Resultados Obtidos

No ato de compreender contextos e cenários de uma mesma cultura, com sentidos construídos que levem ao mesmo significado, pode haver possibilidade de controvérsias e mal entendidos, gerando contradições. Em se tratando da cultura do *outro*, a necessidade de conhecê-la é fator primordial à leitura e interpretação para a compreensão. Quanto a esse processo de compreensão, para melhor esclarecê-lo, recorremos a Bakhtin (1999, p.132) que afirma: "*o processo ativo de compreensão se baseia no fato de que todo ser cultural interage com os objetos culturais".* Com essa compreensão, procurou-se observar percepções e representações de Charles Wagley e George E. Hafstad em seus textos.

a) Análise da obra de Wagley [26]

Compreende-se que, desde seus primeiros interesses a respeito do Brasil, Charles Wagley foi construindo sentidos na cultura brasileira (inclusive com o seu casamento brasileiro) e, ao visitar pela primeira vez a pequena Itá, em 1942, viagem de estudo que antecedeu o planejamento do serviço de saúde pública do SESP, já tinha sentidos culturalmente construídos[27] dentro da cultura brasileira. Entende-se ainda, que foi durante essa viagem, feita de lancha, descendo o rio Amazonas, em companhia de seu assistente, Cleo Braga, que Wagley começou a construir sentidos amazônicos, vivenciando fatos, encontros e conversas com o povo amazônico:

Foi nessa lenta viagem de lancha, descendo o rio Amazonas, na companhia de meu jovem assistente brasileiro e companheiro, Cleo Braga, que, pela primeira vez, tive consciência da cultura amazônica e da necessidade de um estudo da vida do homem da Amazônia. À medida que visitávamos as aldeias e os postos de comércio do Baixo Amazonas e que conversávamos com pessoas de todas as classes sociais, cheguei à conclusão que a exótica magnificência do panorama tropical havia desviado as atenções do homem do Vale Amazônico[28]. [Minha tradução]

Nessa primeira visita de Wagley a Itá, provavelmente com alguns sentidos construídos durante sua viagem, o autor reconhece a pouca importância dada pela literatura mundial à cultura e ao homem amazônico e declara ainda no prefácio de *Amazon Town*:

As clássicas narrações de H.W.Bates, Alfred R. Wallace, do tenente William Herndon, de Louis Agassis e outros, que descrevem o grande vale, fazem referências surpreendentemente escassas ao homem e às questões humanas[29]. [Minha tradução]

Charles Wagley, nessa sua viagem, interessou-se pelo estudo das pessoas e modos de vida da comunidade de Itá, local que lhe pareceu ideal para um estudo dessa natureza. Em 1943, quando o SESP instalou um posto de saúde nessa comunidade, Wagley pôde acompanhar de longe os acontecimentos, lendo relatórios médicos e reunindo grande quantidade de dados a respeito de Itá. Ao retornar em 1945, acompanhado de dois colaboradores brasileiros, Eduardo Catete Pinheiro, especialista em educação sanitária e do também escritor, Dalcídio Jurandir, ambos com grande vivência na Amazônia, acredita-se que Charles Wagley já havia construído alguns sentidos amazônicos. Estes sentidos foram expandindo-se conforme seu envolvimento cultural, vinculando-os aos valores culturais amazônicos.

Ainda assim, com esse envolvimento cultural buscado por Wagley, através do conhecimento de pessoas e modos de vida amazônicos, há outros fatores que influenciam a leitura e interpretação de contextos e cenários. Além do domínio da língua falada

[26] Esta análise teve como base a Dissertação de Mestrado desta autora (AGRA, 2004).

[27] O sentido, construído culturalmente, é compartilhado pelos falantes de uma língua. Definido como uma ideia geral que os falantes de uma língua associam a um sinal qualquer a respeito de um objeto do mundo real ou de mundos possíveis, o sentido é o responsável pela possibilidade de comunicação entre usuários de uma língua. Assim, quando um locutor fala uma palavra qualquer ou utiliza-se de um gesto culturalmente definido, espera que seu interlocutor entenda o que se está falando. Em se tratando de culturas diversas, atenta-se para o fato de que os falantes associam idéias muito próprias e peculiares a um dado sinal. Idéias que resultam de suas experiências pessoais e que é o fruto de sua existência pessoal. Então, para que palavras signifiquem uma ideia é necessário que haja correlato empírico objetivo na vivência do pesquisador e do cenário de sua pesquisa, levando em conta que pessoas de um mesmo grupo podem significar palavras diferentemente, pois ao ouvir ou ler uma palavra, o interlocutor puxa de seu inventário de vivências e do seu dicionário interno tudo que está ligado a essa palavra, ou à sensação mais forte que teve com referência a essa palavra (AGRA, 2004).

[28] *It was on this slow trip by launch down the Amazon River, with my young Brazilian assistant and companion Cleo Braga, that first became aware of the richness of Amazon culture and of need for a study of a life of man in the Amazon. As we visited the towns and trading posts of lower Amazon River and we talked with people of all classes, I came to realize that exotic grandeur of the tropical scene had drawn at attention away from the activities of man in the Amazon Valley. (In: Wagley, 1976: xvi)*

[29] *The classical accounts of H.W. Bates, of Alfred R. Wallace, of Lieutenant William Herndon, of Louis Agassiz, and others who describe the great valley have devoted astonishingly little attention to man and the human affairs (In: Wagley, 1976: xvi)*

© 2013 Global Journals Inc. (US)

nesses contextos e cenários, importam também vários outros fatores que poderiam levar o autor a conclusões incorretas sobre a cultura pesquisada, tais como: os sentidos construídos em sua própria cultura (percepções e representações), a visão colonizadora e até mesmo a mescla cultural no próprio cenário pesquisado. Tais fatores formam uma gama de conhecimentos que especializarão ou não os sentidos culturalmente construídos, sentidos que, só através da especialização[30], possibilitam a correta interpretação, evitando mal entendidos.

Duranteesses meses de pesquisa em Itá, Wagley não estavasó, ele contou com a participaçãode três outros brasileiros: Eduardo Galvão,Clara Galvão e sua esposa Cecília, que já ohavia acompanhado a Itá em 1942. Ali, alugaram casa, trabalharam e viveram. Faziam as refeições na residência de um comerciante local, visitavam pessoas e as pessoas os visitavam. Frequentavam festas, bailes, conversavam em esquinas e lojas, viajavam em canoas de moradores locais, iam a festejos, frequentavam suas plantações e roças. Visitavam postos de comércios onde seringueiros ofereciam seus produtos. Participaram da vida de Itá tanto quanto o possível. Quanto a esse envolvimento Wagley comenta:

Participamos da vida de Itá tanto quanto é possível a um estranho fazê-lo. Não havia barreiras de língua, pois três componentes de nossa equipe de estudos eram brasileiros e, eu próprio, tenho um certo domínio da língua portuguesa. Cada um de nós realizava, diariamente, longas entrevistas com numerosas pessoas de todas as condições sociais e todos os dias tomávamos copiosas notas. Com o auxílio de dois assistentes do lugar, nossa equipe realizou estudos de caso de 113 famílias da comunidade, que abrangeram pormenores sobre sua alimentação, despesas, rendimentos, objetos pessoais, além de várias outras informações específicas de caráter econômico e social[31]. [Minha tradução]

No entanto, mesmo com esse envolvimento, ao analisar alguns pontos de vista do autor sobre a comunidade pesquisada observa-se que suas percepções sobre esse espaços continuaram compostos de representações compartilhadas em sua própria comunidade, uma comunidade estrangeira à Amazônia. Isso fica claro quando o autor, logo nas primeiras linhas de *Amazon Town,* deixa transparecer que sentidos construídos em sua cultura, imperialista e colonizadora, ainda prevalecem sobre sentidos culturalmente construídos na Amazônia, o que é observável neste trecho:

Este livro é estudo de uma região e do estilo de vida de seu povo. A região é a Amazônia brasileira onde o estilo de vida distintamente tropical foi formado pela fusão das culturas indígena americana e portuguesa durante os últimos três séculos. Num sentido maior, o livro é estudo da adaptação do homem no ambiente tropical. E, é também, o estudo de caso de uma área "retrógrada" e subdesenvolvida[32].[Minha tradução]

Observa-se que, apesar de o autor julgar-se apto a descrever a cultura amazônica, ao olhar a região brasileira como *retrógrada esubdesenvolvida*, Charles Wagley está emitindo juízo de valor formado através de sentidos construídos em sua cultura de origem (percepções e representações) e que, em seu estudo sobre costumes e modos de vida amazônicos, tais sentidos podem ter interferido na compreensão do cenário amazônico a sua cultura.

A não especialização dos sentidos do autor na cultura por ele pesquisada está presente também na seguinte afirmação: "É dito freqüentemente no Brasil: acredite na Virgem e corra", quando o autor refere-se a uma variação popular do ditado popular brasileiro: Fé em Deus e pé na tábua, e levado pela falta de compreensão, o autor complementa: "em outras palavras, ninguém deve confiar unicamente na fé" [33]. [Minha tradução]. O que mostra claramente o mal entendidodo autor já que no Brasil tal ditado popularten o significado de incentivo: *Tenha fé e siga em frente!*

Nota-se em toda a obra de Wagley que o mesmo vê o homem amazônico como atrasado e subdesenvolvido e enxerga a cultura do *outro* como inferior, por ser estrangeira, uma cultura pronta a sermodificada pelo colonizador, aquele queexplora e retira da terra tudo o que lhe convém. Ao afirmar que a Amazônia não é um habitat favorável ao homem (não deixando claro a que homem ele se refere), remete o leitor ao europeu ou ao americano. Nesse sentido, o autor parece esquecer o objeto de sua pesquisa: o homem de Itá.

[30]A construção do sentido só se dá com o envolvimento cultural. No entanto, não basta a construção do sentido à compreensão, deve haver uma reavaliação (novos sentidos se sobrepondo aos antigos) e a especialização desses sentidos. É a especialização dos sentidos em uma determinada cultura que conduz a compreensão de especificidades culturais com os mesmos sentidos e significados da cultura pesquisada (AGRA, 2004).

[31]*We participated as much in Itá life as it is possible for outsiders to do. There was no linguistic barrier, for three of our research group was Brazilians and I have an adequate command of Portuguese. Each of us had long interviews each day with a number of people from all walks of life, and we wrote down copious daily notes. Case studies of 113 families, which covered details of their diet, expenditures, income, personal possessions, and much other specific economic and social information were carried out in the community by our research group with the help of two local assistants. (In: Wagley, 1976: xvii)*

[32]*This book is a study of a region and the way of life of its people. The region is the Brazilian Amazon where a distinctive tropical way of life has been formed by the fusion of American Indian and Portuguese cultures during the last three centuries. In larger sense, the book is a study of adaptation of man to a tropical environment. It is also a case study of a "backward" and underdeveloped area. (In Wagley,1976: 2)*

[33]*"There is an often repeated saying in Brazil: "Believe in the Virgin and run"; in other words, one should not rely upon faith alone."* (In: Wagley, 1976: 254)

© 2013 Global Journals Inc. (US)

Wagley, como estrangeiro e pertencente a outra cultura, vê a cultura local e o dono da terra, mas não os compreende. Lê o contexto e o cenário: o indígena, o caboclo e a mistura de raças que originou a comunidade de Itá e sua cultura, mas ainda não os interpreta, não consegue compreender porque, apesar de todo o envolvimento, não construiu sentidos na cultura amazônica (se os construiu não os especializou). Pode-se dizer, portanto, que o autor revela, desse modo, suas percepções e representações, ou seja, seus conhecimentos anteriores e suas experiências já vividas que influenciam sua visão ao cenário e ao homem amazônico.

b) Análise da obra de Hafstad[34]

Os sentidos, não os percebemos, os construímos. Em um cenário como o amazônico, possuidor de miscigenações, variedades linguísticas e outros fatores já mencionados que influenciam na interpretação, o leitor desses cenários não pode permitir redução ou assimilações impostas por sentidos construídos em outra cultura. Pois o conceito de sentido está relacionado à noção de ponto de vista.

Assim, constata-se que, para o autor estrangeiro ler os contextos e cenários amazônicos e traduzi-los para sua audiência, torna-se necessário que ele construa sentidos dentro da cultura pesquisada e acredita-se que Hafstad, na sua viagem de pesquisa pelos rios amazônicos ou, nos rios da borracha como o autor prefere chamá-los (de acordo com a cultura local), conhecendo pessoas e envolvendo-se com o cenário por ele descrito, construiu sentidos dentro dessa cultura e reconhece o valor do homem amazônico e de sua cultura. Isso é registrado pelo próprio Hafstad: *A few Portuguese words in common use about the rubber rivers must be utilized; without them the dish is flat and lacks the flavor of the great Valley.* [Algumas palavras comumente utilizadas sobre os rios da região produtora de borracha deverão ser utilizadas. *Sem elas o prato é vazio e falta o sabor do grande vale*.] (Tradução e grifo meus) Ou ainda: *The Amazon river man, where it all begins [...] [O homem amazônico é onde tudo começa...]* (Tradução e grifos meus)

Como se nota nos extratos acima e em todo o texto de Hafstad, esse pesquisador não tinha conhecimento de fonética e a língua não era um de seus objetos de pesquisa, mesmo assim, ele faz uma tentativa de explicar minúcias sobre a língua, rios e costumes regionais por desejar expor a sua visão da Amazônia à sua comunidade. Ainda, na introdução de seu trabalho, Hafstad traz ao leitor o que ele chama de *Uma Miscelânia,* observe:

[Uma Miscelânia]:

O rio Jaú é Jah-oo. O rio Coari é Koari. O rio Xingu é Shingoo. O rio Juruá é Jew-roo-ah. O rio Araguari Ah-rah-gwah-ree. A ilha Mexiana é Meshiana é a Mexiana. A palavra seringa (árvore seringueira) é a mãe de uma série de palavras derivadas; *o seringal* é uma propriedade produtora de seringa; *o seringalista* é proprietário do seringal, *o seringueiro* é o trabalhador do seringal; *o caucho*(seringueira) é pronunciado kow-show. [O homem amazônico é onde tudo começa, ele deve ser chamado de caboclo; o lo é muito sutil, pronuncie Kah-bokle.] [35] (Minha tradução)

No texto de Hafstad, pesquisador com interesses diversos na Amazônia, compreende-se que o mesmo começou a envolver-se com o homem amazônico, reconhece seu valor e constrói sentidos nessa cultura. Através de suas percepções e representações e novos sentidos, construídos na comunidade Amazônia, ele tenta através de explicações, quase infantis, detalhar seus pontos de vista à sua comunidade. Muitas vezes, o texto de Hafstad, torna-se quase poético. Como se observa no extrato abaixo:

[…] três homens chamados Charlie, George e Paulo fazendo seu trabalho de apanhadores solitários. Seria raro um homem do rio naquele enorme Juruá que antes da guerra terminar não ouvisse aquele barco que hasteava o verde e o dourado *Ordem e Progresso* da bandeira do Brasil com suas estrelas e faixas do norte[36]. (Minha tradução)

Ou, ainda, outras vezes, Hafstad incorpora o bom humor do brasileiro e descreve a brincadeira do seringueiro com a sigla da Companhia de Desenvolvimento da Borracha - RDC:

[…] Cientes que os preços da Companhia de Desenvolvimento da Borracha eram os mais baixos possíveis, nosso cínico seringueiro não resistia à brincadeira com as iniciais RDC; eles clamavam que RDC significava Roube Devagar Compadre ou Roube Vagarosamente, amigo[37]! (Minha tradução)

[34] Esta análise teve como referência o artigo intitulado *Os sentidos do pesquisador ao descrever a cultura amazônica: análise de uma tradução norte-americana da Amazônia Brasileira* de autoria desta pesquisadora (AGRA, 2008).

[35] *A micellany:*
The Rio Jahu is the Hah-oo. The Rio Coari is the Koari. The Rio Xingu is the Shingoo. The Rio Jurua is the Jew-roo-ah. The Rio Araguari id the Ah-rah-gwah-ree. The island Mexiana is the Meshiana.The wor seringa (rubber tree) is the parent of a number of rubberwords: the seringalista is the rubber property manager or owner, the seringueiro is the rubber worker.The caucho (tree or rubber) is kow-show.The Amazon river man, where it all begins, must be called the caqboclo; the "lo" is too subtle to catch, just say kah-bókle.

[36] *[…] three men named Charlie, George, and Paulo doing their catcher lonely job. It would have been a rare riverman on this enormous Jurua who before the war was ended had not heard of that Bushwhacker wich flew the green and gold Ordem e Progresso flag of Brazil and the Stars and Stripes from the north.* (Hafstad, p. 04 – grifo do autor)

© 2013 Global Journals Inc. (US)

Os sentidos construídos e especializados na cultura amazônica dão forma à descrição detalhada de Hafstad e permite ao leitor colocar-se no barco e navegar junto aos pesquisadores pelos rios da borracha:

[…] Essa é a história daqueles pesquisadores de campo, da floresta verde e amarela e das águas pretas, da borracha selvagem das florestas e da borracha cultivada em pequenas plantações de campos intactos desde o último surto da virada do século, de voadeiras saltando nos cursos dos principais rios, sujos e frequentemente turbulentos ou colonizando, não tão facilmente, as virgens e desconhecidas superfícies ligando as faixas brancas de cachoeiras distantes dos riachos. Esta é a história deles, não minha. Mas, como a empregada zelosa que faz suas incumbências, tentando ajudá-los, visitando-os e, em algumas ocasiões, viajando com eles – um nome designado, sem muito peso, não convidado que acreditou neles. Como Robert Frost, em um pequeno trenó puxado por um cavalo disse que tinha, ainda, milhas a percorrer antes de dormir, aqui existem muitos rios a subir e a descer antes do término da guerra. Em meados de 1943 a lancha *Bushwhecker* preparava-se para deixar Manaus em direção ao rio Juruá[38]. (Minha tradução)

O autor tenta converter a compreensão da Amazônia em uma compreensão norte-americana, lembrando Frost[39] e seu poema, revelando a poesia que ele próprio consegue ver na Amazônia e que está presente em todo o seu texto. Nessa tentativa de conversão, Hastad procura atender sua audiência.

Com a análise do texto de Hafstad, nota-se que esse autor construiu sentidos amazônicos através do envolvimento social, participando do dia a dia da tripulação e das comunidades ribeirinhas, com amizades e interesses pela região descrita. Com sentidos culturalmente construídos em sua cultura original e sentidos construídos na cultura amazônica, ele leu contextos e cenários, reconstruindo suas significações e pontos de vista.

Seja no retratar o amazônida, ou em descrever a sua cultura, Hafstad consegue demonstrar em seu texto o interesse do pesquisador em não se deixar levar por suas representações, ou por conhecimentos anteriores adquiridos em sua cultura ao que diz respeito às pessoas e seus costumes amazônicos. Tal interesse é bem marcado ao longo da análise e tradução do seu texto, até mesmo desfazendo maus entendidos e contradições de leituras anteriores:

[A região dos Maués era o centro da indústria do guaraná. O arbusto do guaraná crescia selvagem na floresta entre o Tapajós e o Madeira, mas os Maués o cultivaram.[...] Um livro meu de cem anos, cita a opinião dos comerciantes do Tapajós sobre os Índios Maués: "Basta o nome, mau É!" que se traduz "Suficiente o nome, ruim ele é!" Uma brincadeira com o nome Maués, por ser mau, o significado da palavra portuguesa "ruim". Os mesmos comerciantes falavam grandemente dos índios de Mundurucu em seus rios, mas eles não gostavam dos Maués. *Talvez os Maués tivessem o seu lado da história*[40].(Tradução e grifos meus)

Com essa análise, compreende-se que George Hafstad valoriza o homem amazônico e sua cultura, sem permitir reduções ou assimilações impostas por sentidos construídos em outra cultura. Desse modo, observou-se que o pesquisador, com percepções e representações formadas a partir de uma cultura colonizadora, leu a Amazônia e procurou traduzi-la a sua audiência dando voz a cultura local e envolvendo-se com essa cultura. Ressalta-se neste trabalho o que a teoria tão bem explica: que o conceito de sentido está relacionado à noção de ponto de vista e com a possibilidade ou não de uma pessoa interpretar contextos e cenários.

V. Considerações Finais

Com a análise concluída, comprovou-se, mais uma vez, a importância para os estudos amazônicos a observação dos processos utilizados pelo autor estrangeiro ao entregar resultados de pesquisa sobre a amazônica. Ademais, num trabalho como esse, sob o olhar da geografia cultural, confirma-se o que a teoria

[37] *Although the Rubber Development Corporation prices were the lowest ever known, our cynical rubber worker could not resist play on corporation initials – RDC; he claimed that RDC meant Roubar Devagar Compadre or Rob Slowly, Friend.* (Hafstad, p.14)

[38] *[…] This is a story of those field men, of green forest and yellow and black waters, of wild rubber in the woods and tame rubber on the few plantations, of country untouched since the last rubber boom at the turn of the century, of flying boats bouncing down on the dirty and often turbulent main rivers or settling uneasily on the virgin and unknown surfaces linking the white bands of rapids far up the streams. It is their story, not mine, but as their housekeeper who ran their errands and tried to help them, visited them, and on occasion traveled with them – the uninvited perpendicular pronoun has crept in. Like Robert Frost's man in the little one-horse sleigh who had miles to go before he slept, here there are many rivers to ascend and descend before war's end. In early 1943 the launch Bushwhecker to leave Manaus for the Rio Jurua.* (Hafstad, p.03)

[39] Robert Lee Frost (San Francisco, Califórnia, 26 de março de 1874 - 29 de janeiro de 1963) foi um dos mais importantes poetas dos Estados Unidos do século XX. Frost recebeu quatro prêmios Pulitzer.

[40] *The Maués region was the center of the guaraná Industry. The guaraná bush grew wild in the forest between the Tapajoz and Madeira but the Maués cultivated it. […] A century-old book in my possession quotes the Tapajoz traders on the Maués Indians: "Basta o nome, mau é!" which translated "Enough the name, bad he is!" This was a play on the name Maués, mau being the Portuguese word "bad". The same traders spoke highly of the Mundurucu Indians on their river but they not like the Maués. Perhaps the Maués had his side the story.* (Hafstad, p. 212 – aspas e grifo do autor)

© 2013 Global Journals Inc. (US)

fala sobre a importância dos sentidos, percepções e representações e os interesses envolvidos na observação do espaço, lugar, paisagem e território.

Nesse espaço formado pelos rios amazônicos, com olhares diversos sobre os homens e as coisas, reconhece-se o valor dado a Amazônia através das percepções e representações de cada um dos autores. Recupera-se, portanto, as memórias desses pesquisadores e, através delas, observa-se também, costumes regionais, nomes e partes da história da Amazônia brasileira.

Destarte, ao observar os resultados da presente pesquisa, conclui-se que não só o estudo e pesquisa em trabalhos de autores estrangeiros sobre a região amazônica, seu homem e a sua cultura são necessários. Essa necessidade advém também sobre todos os trabalhos que analisam e revelam o Brasil ao mundo, para que estudantes e pesquisadores ouçam e analisem o discurso do "outro" a seu respeito,e, desse modo, conheçam os fatores culturais que interferem na compreensão do *outro.*

Este estudo sugere novas pesquisas que visem à observação de resultados de pesquisa sobre a Amazônia e a realidade amazônica descrita pelo autor estrangeiro, através de fundamentos teóricos da Geografia, com o estudo da percepção e representação, do sentido, da cultura e da linguagem. Estudo esse facilitado pela abordagem da Geografia Cultural, que permite o caminhar lado a lado de ciências diversas, transcursando sentidos de cultura a cultura, realizando um verdadeiro trabalho intercultural.

References Références Referencias

1. AGRA, Klondy Lúcia de O. Tradução e Representação da Amazônia:uma análise da obra de Charles Wagley, *Amazon Town* e de sua tradução para o português brasileiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal de RO - UNIR, sob orientação do professor doutor Miguel Nenevé. 2004.
2. _____. Os sentidos do pesquisador ao descrever a cultura amazônica: análise de uma tradução norte-americana da Amazônia Brasileira. BOCC. http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-os-sentidos-do-pesquisador.pdf Acesso: 01/10/2012.
3. BAKHTIN, Mikhail (1999). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec.1999.
4. BASTOS, A R. V. R. Espaço e Literatura: Algumas Reflexões Teóricas. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, nº 5, p. 55 – 66. 1998.
5. BROSSEAU, M. *Des Romains - géographes – Essai*. Paris:L'Harmattan, 1996.
6. BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: Perspectivas da Geografia. Antônio Carlos Christofoletti (org.). São Paulo, Difel, p. 165-193. 1985a.
7. _____. Hogar, Campo de Movimiento y sentido del Lugar. In: Teoria y Método en la Geografia Anglosajona. Maria Dolores Garcia Ramón (org.), Barcelona, Ariel, p. 227-241. 1985b.
8. CASSIANO, Ricardo. O Tratado de Petrópolis. Rio de Janeiro. 1960.
9. COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem,tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 92-122.
10. GOMES, P. C. C. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
11. _____. Geografia fin de siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, I. E. e CORRÊA, R. L. (Orgs.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.
12. HAFSTAD, George E. Diário de Viagem. Relatos doados à Universidade Federal de Rondônia em 2002, pela professora Ellen Hoffmann.
13. MELLO, J. B. F. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. R. Bras. Geog., 52 (4): 91-115. 1990.
14. RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.
15. RELPH, E. C. As Bases Fenomenológicas da Geografia. Geografia, 4 (7): 1-25. 1979.
16. SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.
17. SHORT, J. Imagined Countries: Society, Culture and Environment. New York: Routledge, 1991.
18. SILVA. Josué da C. O Mito e As Crenças como constituintes do Espaço Ribeirinho na Formação do Modo de Vida Amazônico.In: Kozel, S. Silva, J. C.& Gil Filho, S.F. (Orgs.). Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo, Terceira Margem, 2007, 207-222.
19. TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar. São Paulo: DIFEL, 1983.
20. TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective.Geographical Review, 65 (2): 151-165. 1975.
21. TOCANTINS, Leandro de. Formação histórica do Acre. Rio de Janeiro: Conquista. 1961.
22. WAGLEY, Charles. Amazon Town: A Study of Man in the Tropics. New York. 1976.

© 2013 Global Journals Inc. (US)